

As relações híbridas entre Cristianismo e Islamismo em *Lavoura Arcaica*

Cristiane Fernandes da SILVA (PG/FL – crisfernandes.letras@gmail.com)¹

Jorge Alves SANTANA (D/FL – jasantana1@uol.com.br)

Palavras-chave: Literatura comparada; Raduan Nassar; religião

Introdução

O presente estudo tem como objetivo promover uma análise interpretativa para identificar a relação intertextual existente entre os livros canônicos do Cristianismo e do Islamismo – a Bíblia e o Alcorão – na obra *Lavoura arcaica* (1975) do escritor Raduan Nassar.

As obras literárias contemporâneas se apresentam, tanto na forma quanto no tema, sob múltiplos aspectos, já que nelas o escritor busca novos enfoques em velhas histórias e mitos, como ocorre com a prática intertextual, ou ainda porque, torna o lugar da produção literária um espaço de experimentação. Assim, a obra em análise se inscreve nesse contexto, pois o autor retoma elementos de dois textos fundamentais da cultura universal: a Bíblia e o Alcorão para criar sua ficção.

Contudo, levando em consideração que em uma obra “não se esgotam as possibilidades interpretativas potenciais de um discurso [...] sobretudo quando nos aproximamos da literatura contemporânea” (PINTO, 1973, p. 13), pretende-se demonstrar uma das possíveis leituras do romance de Raduan Nassar: o diálogo com os textos sagrados do Cristianismo e do Islamismo.

Material e métodos

A noção de intertextualidade, como vários conceitos que permeiam e orientam as discussões no âmbito da Literatura Comparada é, de certa maneira, recente. Atualmente, a expressão “literatura comparada” denomina uma forma de análise literária que estuda “a migração de temas, motivos e mitos nas diversas literaturas, ou [a busca de] referências de fontes e sinais de influências” (CARVALHAL, 1896, p. 5).

¹ Mestranda bolsista da Capes.

A inovadora concepção de Mikhail Bakhtin, o dialogismo, foi de grande relevância para estabelecer o atual conceito de literatura comparada. Segundo Bakhtin (1997), todo texto – discurso – é constituído por vozes de distintos enunciados, o que caracteriza a linguagem como um fenômeno dialógico e, portanto, polifônico. Dessa forma, enquanto a palavra é unidade da língua, o enunciado é unidade real da comunicação e, por conseguinte, é único e não pode existir fora do dialogismo. Este se caracteriza, assim, pela presença de várias instâncias enunciantes. Bakhtin (2003, p. 297) afirma:

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981), por exemplo, Bakhtin aplica a noção de dialogismo para os estudos literários ao conceber as obras do escritor russo como um grande diálogo. Nelas há múltiplas vozes e consciências que se fazem ouvir, mostrando, assim, que todo romance é o resultado de vários enunciados.

Os estudos de Bakhtin sobre o dialogismo também foram essenciais para que Kristeva cunhasse o termo “intertextualidade”. Segundo a autora, no processo de produção literária, as obras sempre são resultado da transformação e assimilação de um ou mais textos, pois

[a] linguagem poética surge como um diálogo de textos: toda seqüência se constrói em relação a uma outra, provinda de um *corpus*, de modo que toda seqüência está duplamente orientada para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de intimação (a transformação desta escritura). O livro remete a outros livros, e pelos modos de intimidar (aplicação, em termos matemáticos) confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando assim sua própria significação. (KRISTEVA, 2005, p. 105).

Para Kristeva, o fenômeno da intertextualidade é visto como alicerce de qualquer obra literária, já que todo texto remete, implícita ou explicitamente, a outros textos. Porém, na análise literária, as fontes são relevantes apenas quando se investiga o modo como seus elementos foram incorporados à obra.

Genette (2005, p. 7) expande essa noção de intertextualidade e apresenta a concepção de transtextualidade, definida como “tudo que o coloca [o texto] em

relação, manifesta ou secreta, com outros textos”. O autor identifica cinco tipos de relações transtextuais: paratextualidade, hipertextualidade, metatextualidade, arquitextualidade e intertextualidade. A paratextualidade é a relação que uma obra tem com um texto anterior por meio do título, subtítulo, prefácios, epígrafes etc. A hipertextualidade acontece quando um texto B, chamado de hipotexto, retoma um texto A, denominado hipertexto, promovendo alterações na estrutura original. Já a metatextualidade é a relação estabelecida entre um texto crítico e uma obra literária, enquanto a arquitextualidade acontece quando há vínculo entre um texto e outro, anterior, devido à afinidade de gênero literário. Por fim, a intertextualidade é a presença efetiva de um texto em outro, o que ocorre de maneira mais explícita e mais literal (a citação); de forma literal, mas menos explícita e menos canônica (o plágio); ou ainda de maneira não literal e menos explícita (a alusão).

A leitura de *Lavoura arcaica* é complexa e densa, uma vez que o autor se vale dos livros sagrados Bíblia e Alcorão para criar uma composição inédita. Tendo em vista que “[e]m todos os estudos literários formulamos hipóteses implícitas sobre a intenção do autor como garantia de sentido” (COMPAGNON, 2006, p. 94), o objetivo primordial da pesquisa que se propõe é identificar os empréstimos e as transformações feitas nos textos originais, para compreender a natureza da obra de Nassar e a nova significação a ela atribuída. O que torna a investigação mais interessante, pois segundo Bakhtin (1998) as construções híbridas são de suma importância para o romance. O autor caracteriza esse recurso da seguinte forma:

O enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens”, duas perspectivas semânticas e axiológicas. Repetimos que entre esses enunciados, estilos, linguagens, perspectivas, não há nenhuma fronteira formal, composicional e sintática: a divisão das vozes e das linguagens ocorre nos limites de um único conjunto sintático, freqüentemente nos limites de uma proposição simples, freqüentemente também, um mesmo discurso pertence simultaneamente às duas línguas, às duas perspectivas que se cruzam numa construção híbrida, e, por conseguinte, têm dois sentidos divergentes, dois tons. (BAKHTIN, 1998, p. 110).

Assim, a análise de *Lavoura arcaica* buscará a hibridização do Cristianismo e do Islamismo, que têm origens diversas – um na cultura ocidental e o outro, na oriental – e possuem pensamentos, costumes e dogmas completamente diferentes.

Resultados e discussão

A pesquisa apresenta alguns temas interditos pelo Cristianismo e pelo Islamismo, como o vinho, a mulher e o incesto, mostrando que esses elementos são tabus para as duas culturas e, segundo os textos sagrados, podem levar o homem à perdição.

Mostra também a releitura que Raduan Nassar faz da “Parábola do Filho Pródigo”, apontando a analogia entre as trajetórias dos protagonistas de *Lavoura arcaica* e de algumas figuras bíblicas, e ainda é analisada a origem dos nomes dos personagens e seus significados religiosos – tanto para o Cristianismo quanto para o Islamismo.

Carvalho (1896) afirma que a escrita, sob o ponto de vista da intertextualidade, é resultado da leitura de diferentes textos. Por conseguinte, a avaliação das relações existentes entre as diferentes escritas e o estudo da transformação e da assimilação de uma obra por meio de textos centralizadores levam a questionar os motivos que impulsionaram o autor a realizar essa transformação textual, além de provocar a reflexão sobre o novo sentido que o autor atribui à sua criação literária. Verificou-se, portanto, qual a intenção do autor ao dialogar com os textos do Alcorão e da Bíblia – modificar, subverter, atualizar etc.? O que o motivou a fazer releituras dessas obras? Que novo sentido ele atribuiu a esses textos?

Analisou-se também as relações transtextuais propostas por Genette, como a paratextualidade, a arquitextualidade e a arquitextualidade. Por fim, o estudo buscará, de forma mais sistemática, relacionar as características dos personagens principais da obra às de figuras bíblicas.

Conclusões

Na literatura universal há obras em que os diálogos com outros textos são visíveis, enquanto em outras esse processo se disfarça, o que torna a apreensão da leitura mais difícil. É o que ocorre com *Lavoura arcaica*, pois é evidente que “Raduan elabora uma prosa poética cujo tom primordial é um lirismo, e cujo referente primeiro é a remissão à cultura sírio libanesa e à Bíblia” (TEIXEIRA, 2002, p. 48), mas os estudos sobre essa obra revelam uma outra lacuna que se pretende preencher: analisar, de maneira mais aprofundada, a relação do texto com a cultura oriental com base nos ensinamentos do Alcorão.

Haddad (1982) ao afirmar que os ocidentais são incapazes de compreender a mentalidade oriental devido às diferenças religiosas e culturais, mostra que a interpretação pelo viés estudado é pouco comum, o que torna a investigação mais complexa e difícil.

Referências bibliográficas

ALCORÃO. Português. *Alcorão*. Tradução Mansour Challita. Rio de Janeiro, Associação Cultural Internacional Gibran, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HADDAD, Jamil Almansur. *O que é Islamismo?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

NASSAR. Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TEIXEIRA, Renata Pimentel. *Uma lavoura de insuspeitos frutos*. São Paulo: Annablume, 2002.

PINTO, Milton José. A mensagem narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 7-18.